

Carlos Tomás Cebola

**A
ACÁCIA
DO
QUINTAL
• teatro**

1961

Carlos Tomás Cebola

**A Acácia do quintal
um acto de teatro**



1961

NOTA :
=====

Este acto de Teatro foi dado ao público,
pela primeira vez,
na noite de 27 de Janeiro de 1962,
pela Radiotelevisão Portuguesa.

Mais tarde,
incluído pelo Rádio Clube de Angola,
no seu programa de aniversário,
em 5 de Fevereiro de 1966

PERSONAGENS

MARIANA - viúva e sogra de
FERNANDA - viúva ,jovem de vinte e poucos anos
P,MIGUEL - vélho pároco de aldeia que trata toãos por tu
ROSA - criada : vélha relíquia de familia
ELE - desconhecido

LOCAL - Provincia
ÉPOCA - Actualidade

INTERPRETES

na Rádiatelevisão Portuguesa

- LUIA NETO.....MARIANA
- CLARA ROCHA.....FERNANDA
- SILVA ARAÚJO.....P. MIGUEL
- MARIA OLGUIM.....ROSA
- FERNANDO MURALHA.....ELE

REALIZAÇÃO de HERLANDER PEYROTEO

no Rádio Clube de Angola

- CREMILDA GIL.....MARIANA
- LUIA DE SOUSA.....FERNANDA
- ARTUR PERES.....P. MIGUEL
- ARLETE REIS.....ROSA
- CARLOS SOUSA.....ELE

REALIZAÇÃO de SANTOS E SOUSA

CENÁRIO

Sala de solar provinciano com decorações antigas.

Portas à E. e à D.

Uma janela, ao fundo, que dá para o quintal .

Um relógio de sala (ou de parede) em lugar bem visível.

Tarde de Janeiro, no Alentejo.

Cuve-se, ao longe, o ribombar dos trovões da borrasca que se aproxima,
segundo todo o desenrolar da representação.

Luz ambiente.

MARIANA - (Sentada num cadeirão, lê com pouca atenção. De vez em quando, parece que vai falar mas...volta sempre à leitura.)

FERNANDA - (DE pé, junto da janela, olhando para fora.)

UMA PAUSA

COMEÇA A CHOVER

FERNANDA - (Indiferente) Já chove.

MARIANA - (Fechando o livro) Senta-te, minha filha. Faz-me nervos ver-te de pé, todo o santo dia, olhando por essa janela como se quisesse descobrir algo, no escuro que vai lá fora.

FERNANDA - Não tem importância, mãe. Não se preocupe comigo.

MARIANA - Bem quisera eu não preocupar-me mas...sou como tu, não achas? Somos ambas mulheres : duas mulheres numa mesma situação. E eu, melhor do que tu, possa avaliá-la. Os anos que, a mais, já passaram por mim, não foram bastantes para que eu deixe de preocupar-me. Talvez por isso...Sim...Talvez por isso mesmo me inquieto mais.

FERNANDA - (Aproximando-se de Mariana) Ó mãe! Por amor de Deus! Estamos a martirizar -nos sem necessidade. Se alguém suspeitasse, diria que sofremos porque gostamos de sofrer. A mãe não está já em idade de...

MARIANA - (Atalhando) Não. Tu é que ,ainda, não tens idade para tanto.

FERNANDA - Que quer dizer?

- MARIANA - Senta-te, aqui. Aqui, nesta cadeira ao pé de mim.
- FERNANDA - (Executa)
- MARIANA - Talvez a ocasião não seja a melhor mas, ao mesmo tempo, tudo parece ter-se co ligado para que tivéssemos, hoje, esta nossa conversa. Esta hora! Esta fazer de noite, terrivelmente cedo! A trovoadá que se aproxima! O dia! Enfim... Ao mesmo tempo penso, e Deus me perdoe, se não será um pecado! Mas, ainda que o seja, ouve-me.
- FERNANDA - Estou a ouvi-la, mãe!
- MARIANA - (Sempre muito calma) Tu chamas-ma mãe e eu quero-te como se o fosse, realmente. Agora, porém, falo-te, apenas, como uma mulher. Uma mulher que muito sofreu e que sabe bem o que é uma vida inteira de luto, de renúncia, de sacrifício e dor.
- FERNANDA - (Admirada) Desconheço-a, mãe!
- MARIANA - É natural. Viste em mim, sempre, alguém diferente. Primeiro, a mãe do teu marido : uma sogra. Depois, de há cinco anos para cá...
- FERNANDA - (Ergue-se, nervosa, e vai até à janela. Olhando para fora) Faz, hoje, precisamente cinco anos que o José morreu.
- MARIANA - De então para cá, dizia eu, tens visto em mim uma pobre alma queimada pela dor e esqueceste que esta, a quem chamas mãe, é, no fundo, uma mulher igual a ti. Igual a todas as mulheres.
- FERNANDA - Mas eu...
- MARIANA - (Vai até Fernanda) Escuta, minha filha: No dia em que se te abriu a porta para a vida, um destino cruel fechou-ta, no mesmo instante. A vida tem destas coisas! Faz-nos subir uma escada íngreme com a esperança de que vamos ao

encontro da felicidade e, quando nos falta, tão só, um último degraú, quebramos as pernas e atira connosco para o fundo. Procedeu, assim, contigo e já havia procedido, assim, comigo.

FERNANDA - Com uma diferença!

MARIANA - Tens razão. (**Voltam aos lugares, sentadas**) Com uma grande diferença! A mim deixou-me um filho para quem continuei a viver, mas a ti... Tu ficaste só, cheia de crepes a amortalharem-te a alma, numa idade em que não tinhas sentido, ainda, o prazer que é a vida. Uma grande diferença! Tão grande que, a mim mesma, parece um absurdo. Qualquer coisa sem sentido. E é por tudo isto que desejo falar-te, de mulher para mulher.

FERNANDA - (**Sem compreender, totalmente**) Não. A mãe, com certeza, não vai dizer-me que...

MARIANA - Vou, sim. Não tens o direito de renunciar à vida. És nova. Não deste, ainda, ao mundo aquele pouco de felicidade que todos temos a obrigação de dar-lhe. Tu podes fazer, ainda, o céu de alguma alma. É para isso que nós cá estamos. Foi para isso que Deus nos mandou cá. Foi para isso que Deus criou a mulher! Se renunciarestes, a tua passagem pela vida terá sido inútil. Ainda não deste à Vida o que a Vida exige de ti.

FERNANDA - (**Suplicante e confusa**) Por amor de Deus! Não vê que me martiriza? Não sente até que está dilacerando a sua própria alma? Por que me fala, assim? É verdade que sou nova: tenho vinte e quatro anos e sou viúva há cinco. É verdade que não vivi a mais infima parcela da vida que sonhei. É verdade que, dentro de mim, eu sinto-o, há torrentes de força que morrem sem transbordar. É verdade! Mas também é verdade que não posso desafiar o meu destino. Não posso erguer-me contra o céu, nem gritar-lhe a injustiça com que me castiga, não sei em paga de que crime, que não fiz.

MARIANA - Acalma-te, minha filha!

FERNANDA - (Calma mas firme e pesarosa) Não. A mãe não pode, nem deve falar-me, assim.

MARIANA - Eu sei. (Maternal) Eu sei que o melhor de ti, avaramente, o guardaste para o teu lar. Sei da enorme dor que, há cinco anos, cobriu de luto a tua existência. Sei da saudade funda que se cravou em nossos corações e que tem vivido, dentro desta casa. Mas sei, também, quanto custa a morte do maior e mais belo sonho da alma; quanto é dura uma vida inteira agilhoada a uma recordação e quanto dói tudo aquilo que tu já sabes e o mais que ainda não sabes, até porque, um dia que Deus me leve, não terás a quem dedicar-te.

Eu sei e repito: tu tens vivido para a memória de um ausente: de um que foi para não mais voltar. Mas sei, também, que é em ti que deves começar a pensar. Tu és que ainda vives. Tu és quem tem de viver. (Decidida, erguendo-se) Vem comigo.

FERNANDA - (Insegura) Aonde me leva?

MARIANA - Só até à janela. (Pegando-lhe na mão) Vem.

MOVIMENTO

MARIANA - (Saudosa) Foi há muitos anos! Era o teu marido uma criança e ela uma árvore nova, em pleno desenvolvimento. (Apontando através da janela) Aquela acácia! Numa tarde de Maio, estava ela toda vestida de ciro, surgiu, de repente, uma trovoadá. Um raio desgarrado rachou-a, de alto a baixo. Metia dó, a pobre. Pensamos, logo, que não voltaria mais a ser acácia. Meu marido quis arrancar o que ficara. Não deixei. Era a minha árvore preferida. Fora eu quem a plantára, na minha juventude. E, se me doía o coração vê-la meio destruída, creio que maior seria o meu desgosto se ela desaparecesse, de vez. Ali ficou.

E vê tu, minha filha, que árvore se fez. Cresceu. Cresceu, de novo. Estendeu os ramos. Cobriu-se de folhas e, todos os anos, se veste de flores odorosas e doiradas.

FERNANDA - Mas...

MARIANA - É a vida. É a vida, minha filha. É esta força que mora em todos nós e que não podemos ignorar, nem destruir. (Carinhosa) Quando te vejo, junto desta janela, olhando não sei que invisível paisagem, sinto que não tenho o direito de ocultar-te, por mais tempo, esta verdade.

FERNANDA - (Como vinda, tomando-lhe as mãos) Ó mãe!

UM PEQUENO SILENCIO

P. MIGUEL - (Entra sacudindo a água, como quem vem de andar à chuva) A paz e o calor estejam nesta casa, minhas filhas!

FERNANDA - (Cumprimentando, familiarmente) Senhor Padre Miguel!

MARIANA - Entre, entre, senhor padre Miguel!

P. MIGUEL - Desculpa lá, Mariana! Entrei pela cozinha para deixar o meu capote ao lume. A Rosa lá ficou a ver se ele enxuga. Que tarde, Santo Deus!

FERNANDA - Que noite, senhor padre Miguel!

P. MIGUEL - Tens razão, minha filha. É noite fechada e ainda nem deram as seis. Mas, eu tenho de sentar-me. (Executa) Desculpem lá. Com licença. Que tempo, Virgem Santa! Saí de casa para ir ver aquele pobre de Cristo que mora ali, na encosta do castelo, e se me descuido um pouco mais, a trovoadá apanhava-me no caminho.

FERNANDA - E como está ele?

- MARIANA - Deixe-se estar á vontade. Eu vou só á cozinha dizer á Rosa que lhe arran-
je um cafêzinho. Bem quente! (Sai)
- P. MIGUEL - Sempre a mesma, esta Mariana! Mas...que dizias tu, minha filha?
- FERNANDA - Como está o seu doente?
- P. MIGUEL - Mal. Muito mal. Ali, só há a esperar que Deus tenha dó daquela pobre alma e
a chame a Si. Coitado! Para ali está, amortalhado entre dois cobertores es-
farrapados, a gemer todo o santo dia e á contar as horas de todas as noites.
Quanto deve sofrer!
- FERNANDA - E a mulher? Que diz ela?
- P. MIGUEL - Que há-de ela dizer? O nosso bom doutor, da última vez que lá esteve, tirou-
-lhe todas as esperanças.
- FERNANDA - E com os filhos ainda tão pequenos! A vida é muito dura para os infelizes!
- P. MIGUEL - É. Mas o que é preciso é não nos deixarmos vencer, nunca, pela infelicidade.
O fogo é que prova o ouro e a tentação prova o justo, diz o Livro Santo.
O que é preciso... Vê tu, minha filha, que insípido seria o mundo sem heróis.
Era tudo vulgar sem os que lutam contra a adversidade; sem aqueles que não
conformam com a sua sorte; sem tantos e tantas que se erguem, na grandeza da
sua pequenez, para gritar um pouco mais de vida, um pouco mais de paz; um
pouco mais da justiça, a que se julgam com direito.
- FERNANDA - Mas a vida...
- P. MIGUEL - A vida é toda ela uma luta constante cujo maior valor está, precisamente, em
saber sorrir, quando um sonho morre; em saber transformar a derrota num incen-
tivo; em saber, enfim, continuar a lutar e a amar, quando tudo parece erguer-se
contra nós. Aqui é que reside a grandeza dos verdadeiros heróis. E, só por isso
é que vale a pena viver. Renunciar á luta é sucumbir á dor.

UM PEQUENO SILÊNCIOA PROVOCADA CONTINUA A DAR SINAL DE SI

- FERNANDA - (Como quem tem algo que a preocupa)
 P. MIGUEL - Parece que ficaste preocupada com as minhas palavras, foi isso?
 FERNANDA - Preocupada, não. Mas..pensava...
 P. MIGUEL - (Ajudando) E que pensavas tu?
 FERNANDA - Talvez nada de importante, senhor padre Miguel. Nada de importante.
 MARIANA - (Regressa da cozinha com uma bandeja onde traz uma chávena, colher, açúcar, um copo e uma garrafa) Pronto. Aqui tem o seu cafézinho. O açúcar, uma colher.
 O copo e a sua garrafinha. Isto é que lhe faz mal. Já não está em idade de beber, nem de provar, sequer, estas bebidas que só lhe fazem mal. Depois...é a tosse, é o estômago, é o fígado...é tudo. Que eu, se não fosse o senhor, nem queria disto cá em casa.
 P. MIGUEL - Deixa lá, Mariana.
 MARIANA - Pois deixo, deixo. (Noutro tom) É noite fechada. Daqui a pouco estamos às escuras. (Chama para fora) Rosa! Ó Rosa!
 ROSA - (Respondendo, de fora) Lá vou, minha senhora!
 MARIANA - (Gritando para fora, ainda) Rosa, traz um candeeiro, filha. Já quase não se vê.

UM TROVÃO MAIS PROLONGADO PREENCHE UM SILÊNCIOA PROVOCADA ESTÁ IMINENTE

- ROSA - (Entra com um candeeiro, que acende, em cena) Pronto, minha senhora. Aqui tem a luz.
 FERNANDA - Continua chover muito, Rosa?

ROSA - (Um toque de regionalismo no falar. Simplicidade e exagero) Se chove!
É um delúvio, menina. Um delúvio! E os relâmpagos! E os trovões! São pegados uns nos outros! (Um trovão mais forte) Santo Nome de Jesus!
Santa Bárbara bendita, que no céu 'stá 'scrita c'um raminho d'água benta...
Até parece que o céu vem por'í abaixo!

P. MIGUEL - O que para aí vai, rapariga!

ROSA - Deus me perdoe, senhor padre Miguel, mas há muntos anos que num me sintia cum'a hoje! (Outro trovão forte) Ai, credo! (Rezando) E a leve lá p'ra bim longe... (Neutro tom) Parece que tenhe medo de qualquer coisa! Num sê mas tenhe medo. Pronte. Cousas de vélha. Mas tenhe.

P. MIGUEL - Ora, ora! Aposto que nos há-de enterrar a todos. Bem. A todos é como quem diz. A mim e à senhora Dona Mariana, que a senhora Dona Fernanda, a menina, como tu dizes, está agora no principio da vida.

OS TROVÕES E OS RELÂMPAGOS VÃO PREPARAR O CLIMAX
DA ACÇÃO

P. MIGUEL - (Terminou o café)

ROSA - Posso levar já a chávena! Com sua licença. (Executa e vai saindo, rezando)
Santa Barbra e Sam Jerolme, a levem lá p'ra bim longe, onde num haja pam
nim vinhe.....

A TROVOADA ATINGIU O MÁXIMO

DEPOIS, VEM UM GRANDE SILENCIO

O RELÓGIO DA SALA BATE AS SEIS DA TARDE

MARIANA - Quantas?

FERNANDA - Seis.

MARIANA - (Como que despertando) Seis? Seis horas?

FERNANDA - Que foi, mãe?

P. MIGUEL - (Mesmo tempo) Que tens tu, Mariana?

MARIANA -- Vocês ouviram? Ouviram? (Da excitação passa à calma) Desculpem. Não façam ca-
so. Se eu contasse, chamar-me-iam louca e com razão. Desculpem. Desculpem. Desculpem,
mas a verdade é que...

UM TROVÃO FORTE MAS JÁ A AFASTAR-SE
QUASE EM SIMULTANEO, BATE UMA PORTA, LÁ FORA

MARIANA - Ouviram, agora? Vocês ouviram? Bendito seja Deus!

TUDO VAI ACONTECER RAPIDAMENTE

ELE - (Irrompe pela sala, meio cambaleante e escorrendo água) Boas noites! Não sei
como pedir perdão...

FERNANDA - Mas... que é isto? Quem é o senhor?

ELE - Minha senhora, ia precisamente pedir perdão e dizer...

MARIANA - (A única que conserva uma calma enervante) Não diga nada. Não é preciso.
(Chama para fora) Rosa! Ó Rosa, vem cá, depressa. (Para ELE) Tire essa roupa!
Santo Deus, como vem molhado! Deus queira que não lhe faça mal. Eu ajudo! Dá li-
cença? Eu ajudo (Executa)

- ELE - Não sei como agradecer tudo isto mas...
- MARIANA - (Sem o ouvir e gristando para fora) Rosa! (Noutro tom) Aquela rapariga nunca mais aparece. Desculpe! Sente-me, por favor!
- ELE - (Excusando-se) Eu...minha senhora...eu...
- MARIANA - Sente-se. Esteja à vontade. (Domina a situação, equantos os restantes, até-nitos, se olham uns aos outros) Vou dizer à Rosa que leve a sua gabardina e o chapéu para junto do lume e lhe raga uma bebida quente. Como está molhado, Santo Deus! Um cafêzinho, pode ser? Bem quente!
- ELE - Não queria incomodar, minha senhora.
- MARIANA - Quem disse que incomodava? Fernanda, minha filha, leva tu mesma estas coisas. Aquela rapariga nunca mais chega. E olha, não te esqueças, traz um cafêzinho, bem quente. O senhor Padre Miguel... (FERNANDA sai)
- ELE - Muito prazer.
- MARIANA - ...Oferece-lhe também um copo da sua garrafinha!
- P. MIGUEL - Com certeza.
- ELE - Minha senhora, eu confesso que não sei...
- MARIANA - Eu sei.
- P. MIGUEL - Mariana, deixa falar este senhor. Ele já tentou mas ainda não disse coisa alguma, tu não o deixas falar mas afirmas, e repetes, que já sabes. Que sabes tu?
- ELE - O senhor prior tem razão. Deixe que lhe diga, minha senhora, que...
- FERNANDA - (Entrando) A Rosa vem já.

ELE - (Continuando) ...pois ,deixa que lhe diga,minha senhora,o motivo desta visita forçada e inoportuna de um desconhecido. A trovoadá,que felizmente vais passando,surpreendeu-me em plena serra. A chuva,a noite,que caiu tão cedo, e a estrada,que não conhecia,desviaram-me do meu caminho. Numa curva da estrada...

MARIANA - A curva da morte!

ELE - Pois,numa curva da estrada lamacenta o carro derrapou. Fugiu da estrada e e...lá ficou de encontro a um sobrelheiro grande. Vi-me perdido. Avancei,quase às apalpadelas,procurando um abrigo. Vi luz e entrei.

P.MIGUEL - Devo ter deixado o portão aberto e ainda bem! Mas,tal como o senhor,também eu vinha fugindo à chuva.

ELE - Vossa reverência desculpe mas não foi pelo portão...

FERNANDA - (Meio incrédula,meio atónita) Não veio pelo portão? Saltou o muro? Impossível. Está a ouvir,mãe?

ELE - Também não saltei o muro,minha senhora.Não conseguiria fazê-lo,se o s tentasse. Valeu-me uma pequena porta,que só por acaso se me deparou,e por milagre,estava aberta.

FERNANDA - Aberta? Aquela porta? Como pode ser isso?

ELE - Para mim foi um milagre!

P.MIGUEL - Deus me perdoe,se me atrevo a negá-lo

MARIANA - (Ausente,solene e distante,domina a cena) Faz hoje cinco anos! Estava uma tarde assim e tinham batido as seis horas. Nesta sala,as mesmas pessoas que encontrou.

FERNANDA - (Suplicante) Mãe!

P.MIGUEL - Para que lembrar o que nenhum de nós esqueceu?

MARIANA - Estava a mesa posta. Quatro talheres para o jantar. Esperavamos o meu filho. Ele veio mas já não jantou. Ninguém jantou, aliás, nesta casa! Naquela curva, também o carro lhe fugiu da estrada e foi de encontro ao sobreiro grande. Com o barulho de um trovão, ninguém ouviu o choque. Nunca se soube como, mas ele conseguiu sair do carro. Na sua frente estava a mesma porta. Quis abri-la e não o conseguiu. Há muitos anos que aquela porta se não abria. Num último esforço, ele deve ter tentado. Mas o fecho, cheio de ferrugem, não correu. As forças fugiram-lhe, certamente, e ele caíu, ali, agar- rado à derradeira esperança, agarrado àquela porta, como a um único fio que o prendia à vida.

UM SILENCIO

P. MIGUEL - Então, Mariana!

MARIANA - Se a porta estivesse aberta, talvez ele morresse assim mesmo. O choque fora muito violento. Mas nós teríamos, pelo menos, tentado tudo para o salvar, porque ele teria chegado, até aqui, ainda vivo.

BREVE PAUSA

MARIANA - Nesse mesmo dia, não o disse a ninguém, mas jurei a mim mesma que, nunca mais aquela porta se havia de fuchar. Por ela estar fechada, o meu filho morrerá. Só. Dia e noite, ela ficaria aberta para que, em qualquer momento, pudesse acolher e salvar quem a ela se chegasse. E eu sabia! Sim. Eu sabia! Era o meu segredo! O meu coração adivinhava que, mais cedo ou mais tarde, havia de acontecer.

(Domina a cena, altiva, mística,
solene)

MARIANA

- Estava a mesa posta. Quatro talheres para o jantar. Esperavamos o meu filho. Ele veio, mas já não jantou. Naquela curva, a curva da morte, também o carro lhe fugiu da estrada e foi de encontro ao sobreiro grande. Com o barulho de um trovão, ninguém ouviu o choque. Nunca se soube como, ^{lá} ele saiu do carro. Na sua frente estava a mesma porta. Quis abri-la e não o conseguiu. Há muitos anos que aquela porta se não abria. Num último esforço, ele deve ter tentado. Mas o fecho, cheio de ferrugem, não correu. As forças fugiram-lhe, certamente, e ele caíu, ali, agarrado à derradeira esperança, agarrado àquela porta como a um único fio que o prendia à vida.

(Hesitante)

(Mesmo tempo)

P. MIGUEL

- Então, Mariana!

MARIANA

- Se a porta estivesse aberta, talvez ele morresse assim mesmo. O choque fora muito violento. Mas nós teríamos, pelo menos, tentado tudo para o salvar, porque ele teria chegado, até aqui, ainda vivo.

(Com respeito e admiração)

ELE

- Nesse mesmo dia, não o disse a ninguém, mas jurei a mim mesma que, nunca mais, aquela porta se havia de fechar. Por ela estar fechada, o meu filho morrerá! Só! Dia e noite, ela ficaria aberta para que, em qualquer momento, pudesse acolher e salvar quem a ela se chegasse. E eu sabia! Sim. Era o meu segredo! O meu coração adivinhava que, mais cedo ou mais tarde, havia de acontecer.

(Comovido)

P. MIGUEL

- Deus te abençoe, Mariana!

- ELE - Beijo-lhe as mãos, minha senhora. *(Executa, com respeito e admiração)*
 E agradeço ao céu o ter-me proporcionado a ocasião de conhecer uma alma tão grande! Sinto, profundamente, o seu desgosto. Acredite. Mas, ao mesmo tempo. rejubilo por ter sido eu quem tornou realidade o maior anseio do seu coração generoso.
- P. MIGUEL - *(Comovido)* Deus te abençoe, Mariana!
- FERNANDA - *(Aproxima-se, fascinada)* O seu filho, lá do céu, sentiu orgulho de ter sido seu filho.
- MARIANA - E teu marido, minha filha.

UMA BREVE PAUSA

A TROVOADA DILJUU-SE, LONGE

- ELE - Agora...se me dão licença...e...se me indicarem o caminho...
- MARIANA - Não. Foi o céu. Foi o meu filho que o enviou. Não posso deixar que se vá.
- P. MIGUEL - Não insistas, meu filho.
- ELE - Não sei como agradecer. *(Pedindo aos outros)* Ajudem-me, por favor!
- FERNANDA - *(Decidida)* Fique.
- ELE - A trovoada parece que passou e eu podia, talvez...*(Vai espreitar à janela)*
 Curioso! A trovoada deve estar já longe e, no entanto, através desta janela não se vê uma nesga de céu. Dve haver, aqui, em frente, qualquer coisa que...
- FERNANDA - *(Quase romantica)* Uma acácia! A acácia do quintal. Uma acácia que um raio partiu de alto a baixo, numa tarde de Maio mas que todos os anos continua a vestir-se de folhas e de flores, na primavera. *(Aproxima-se)*

MARIANA - Fica, não é verdade? (Decide) Claro, que fica. (Chama para fora) Rosa.
O Rosa! Aquel rapariga... Eu vou. Eu vou tratar de tudo. Eu vou. (Começa a dirigir-se para a saída) Haverá quatro talheres, à mesa, mas hoje, hoje, seremos quatro para jantar...

O PANO CAI